

UM POSITIVISTA INTEGRAL

Miguel REALE

A história da cultura nacional ainda tem imperdoáveis lacunas, que não fazem justiça a algumas das figuras mais representativas do País, como é o caso de Paulo Berredo Carneiro, sobre cujo centenário de nascimento proferi conferência recentemente na Academia Brasileira de Letras, à qual ele pertenceu.

Paulo Carneiro poderá, talvez, não ser o maior de nossos positivistas na versão de Augusto Comte, mas é, fora de dúvida, quem mais representa entre nós, de maneira integral, o pensamento desse filósofo francês, cujo lema “Ordem e Progresso” figura em nossa bandeira, tamanha a força que exerciam suas idéias nas últimas décadas do século XIX, quando se deu o advento do regime republicano.

A república foi implantada no Brasil por vários motivos, quer em razão do ressentimento de vários líderes monarquistas, inconformados com a libertação dos escravos proclamada pela princesa dona Isabel, quer devido à propaganda feita por Benjamin Constant Botelho de Magalhães na Escola Militar, e pelo chamado Apostolado Positivista, organização não-governamental presidida por Miguel Lemos e Teixeira Mendes, tendo ele construído no Outeiro da Glória, no Rio de Janeiro, a igreja da Religião da Humanidade, pregada por Comte.

Paulo Carneiro nasceu sob o signo do positivismo, pois seus pais, Mário Barbosa Carneiro e Maria Teodora de Berredo Carneiro, eram adeptos da Religião da Humanidade, em cujo templo se haviam casado, nela realizando a cerimônia do batismo, ou, mais precisamente, o “sacramento da apresentação” de seu filho.

Consagrado segundo o rito positivista (no fundo, um arremedo do rito católico, transposto da transcendência cristã para a imanência das relações sociais), Paulo Carneiro foi educado segundo as normas positivistas, aprendendo um ofício manual: toda manhã, às 6 horas, saía ele de casa para exercer as funções de “aprendiz de ferreiro”, levando sua marmita como qualquer dos operários da fábrica de ferragens.

Foi sob essa influência pedagógica que Paulo Carneiro se diplomou em Química Industrial, estudando com tanto afincamento e dedicação que, em 1929, fez júz a uma bolsa de estudos em Paris, no famoso Instituto Pasteur, ocasião em que se doutorou na Sorbonne com uma tese em que, pela primeira vez, foram analisadas a consistência e as propriedades do nosso guaraná.

De volta ao Rio de Janeiro, tornou-se ele, em virtude de concurso público, professor de Química da Escola Politécnica, tendo voltado à França, em 1935, para continuar suas pesquisas no Instituto Pasteur. Foi, então, que se distinguiu por seu trabalho sobre o curare, o veneno com o qual nossos índios embebiam a ponta de suas flechas, descobrindo que seus princípios ativos tinham salutar aplicação no campo da clínica médica, o que lhe valeu o Prêmio Nativelle, outorgado pela Academia das Ciências de Paris.

Foi com essas credenciais que Paulo Carneiro se tornou nosso representante junto à Unesco, primeiro como ministro e, depois, como embaixador, tendo sido nomeado membro de seu Conselho Diretor, no qual agiu, por vários anos, com tanto descortino e eficiência que seu nome é lembrado como um dos maiores líderes daquela entidade internacional.

Pois bem, não obstante suas altas funções diplomáticas, Paulo Carneiro não se esqueceu de seus deveres como positivista, reconstruindo à sua custa o túmulo de Augusto Comte e dando decisivo apoio à publicação dos “Arquivos Positivistas”, destinados a recolher todos os trabalhos inéditos desse pensador. Atenção especial deu ele à vasta correspondência de Augusto Comte, cuidando de localizar as cartas perdidas e ordenando, cronologicamente, todas elas, tarefa em que se empenhara desde sua primeira viagem a Paris.

Foi devido à sua participação criadora que foram publicados nada menos que doze grossos volumes, um dos quais dedicado aos estudos juvenis de Comte, com prefácio de sua autoria, mais oito tomos sobre a correspondência. Estes têm o título sugestivo de “Correspondence générale et Confessions”, por entender Paulo Carneiro

que algumas das missivas, principalmente as escritas a seus discípulos, têm a força de uma confissão sobre as intenções e os propósitos mais íntimos do mestre.

Cabe notar que cada um desses tomos é precedido de uma longa introdução, de mais de cem páginas, sendo a do quarto tomo de autoria exclusiva de Paulo Carneiro; as anteriores ele as escreveu em colaboração com Pierre Arnaud. É deveras impressionante sua dedicação a esses escritos. Basta lembrar que, como que antevendo a morte próxima, ele fez apelo ao professor Paul Arbousse-Bastide para que se incumbisse da introdução a partir do tomo 6: Arbousse-Bastide foi um dos convidados a integrar o corpo docente da então recém-fundada Universidade de São Paulo, tendo se doutorado na Sorbonne com a tese intitulada “O Positivismo Político e Religioso no Brasil”.

Bastide redigiu a introdução ao tomo 6 da “Correspondência Geral”, no qual é prestada sentida homenagem à memória de Paulo Carneiro, lembrando que ele, além de localizador e coordenador de todas as cartas, também implantara o “Museu de Augusto Comte” no apartamento em que este recebia seus discípulos.

No que se refere à teoria positivista, parece-me da maior relevância a introdução escrita pessoalmente por Paulo Carneiro, na qual ele reitera seu convincente entendimento de que não se pode dividir o pensamento conteano em duas fases distintas, a primeira de caráter filosófico-científico, representada pelo “Cours de Philosophie Positive”, e segunda de caráter sociológico-religioso, correspondente ao “Système de Politique Positive”, com o significativo subtítulo “Tratado de Sociologia instituindo a Religião da Humanidade. A seu ver, não seria senão esse, desde o início, o propósito de Augusto Comte, como o demonstraria um seu opúsculo de 1822 com o título “Plano dos trabalhos necessários para reorganizar a sociedade”.

A fundação da Religião da Humanidade não teria surgido depois do mencionado curso de 1830-1842, mas já estaria “in nuce” no citado opúsculo 1822, tendo Comte entendido ser imprescindível um prévio estudo de caráter epistemológico capaz de dar sustentação ao estudo da Sociologia, por ele criada, da qual resultaria a compreensão da sociedade como o “Grande Ser” cultuado por uma religião vinculada ao saber científico positivo.

que algumas das missivas, principalmente as escritas a seus discípulos, têm a força de uma confissão sobre as intenções e os propósitos mais íntimos do mestre.

Cabe notar que cada um desses tomos é precedido de uma longa introdução, de mais de cem páginas, sendo a do quarto tomo de autoria exclusiva de Paulo Carneiro; as anteriores ele as escreveu em colaboração com Pierre Arnaud. É deveras impressionante sua dedicação a esses escritos. Basta lembrar que, como que antevendo a morte próxima, ele fez apelo ao professor Paul Arbousse-Bastide para que se incumbisse da introdução a partir do tomo 6: Arbousse-Bastide foi um dos convidados a integrar o corpo docente da então recém-fundada Universidade de São Paulo, tendo se doutorado na Sorbonne com a tese intitulada “O Positivismo Político e Religioso no Brasil”.

Bastide redigiu a introdução ao tomo 6 da “Correspondência Geral”, no qual é prestada sentida homenagem à memória de Paulo Carneiro, lembrando que ele, além de localizador e coordenador de todas as cartas, também implantara o “Museu de Augusto Comte” no apartamento em que este recebia seus discípulos.

No que se refere à teoria positivista, parece-me da maior relevância a introdução escrita pessoalmente por Paulo Carneiro, na qual ele reitera seu convincente entendimento de que não se pode dividir o pensamento conteano em duas fases distintas, a primeira de caráter filosófico-científico, representada pelo “Cours de Philosophie Positive”, e segunda de caráter sociológico-religioso, correspondente ao “Système de Politique Positive”, com o significativo subtítulo “Tratado de Sociologia instituindo a Religião da Humanidade. A seu ver, não seria senão esse, desde o início, o propósito de Augusto Comte, como o demonstraria um seu opúsculo de 1822 com o título “Plano dos trabalhos necessários para reorganizar a sociedade”.

A fundação da Religião da Humanidade não teria surgido depois do mencionado curso de 1830-1842, mas já estaria “in nuce” no citado opúsculo 1822, tendo Comte entendido ser imprescindível um prévio estudo de caráter epistemológico capaz de dar sustentação ao estudo da Sociologia, por ele criada, da qual resultaria a compreensão da sociedade como o “Grande Ser” cultuado por uma religião vinculada ao saber científico positivo.

MATO GROSSO: RELAÇÕES QUINHENTISTAS

Paulo Pitaluga Costa e SILVA

O registro historiográfico mato-grossense começou bem antes da Ata de Fundação de Cuiabá em 1719, um dos marcos iniciais dessa historiografia regional. A rigor, os primeiros registros datam de quase dois séculos antes desse documento oficial cuiabano.

No século XVI os conquistadores espanhóis chegaram ao rio da Prata. Foram subindo e penetrando terras desconhecidas rio Paraguai acima, e nesse périplo, fundaram cidades como Buenos Aires e Assunção e ainda portos e destacamentos fortificados como *Puerto de los Reyes*, *Candelária*, *San Fernando* e *Parabanzanes*.

As expedições castelhanas começaram a atingir o que é hoje território mato-grossense a partir de 1540, sob o comando dos adelantados Juan de Ayolas, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca e Domingo Martinez Irala. Puerto de los Reys foi fundado na margem esquerda do rio Paraguai, ao lado da Lagoa Gaíva, em 6 de janeiro de 1543, sendo que, em 1549, na confluência desse rio com o Jauru, foi fundado o Puerto Parabanzanes, pelo explorador D. Nuflo Chavez, o colonizador de Santa Cruz de la Sierra.

Para o registro historiográfico quinhentista, a mais importante expedição espanhola em terras hoje mato-grossenses é sem dúvida a de 1543, vez que as cinco relações ora mencionadas foram produzidas por seus participantes. Comandada pessoalmente pelo adelantado Cabeza de Vaca, subiram os castelhanos o rio Paraguai até Puerto de los Reyes, e daí até quase o seu último limite navegável, bem acima do ponto onde hoje está a cidade de Cáceres. Chegaram ao Chapadão dos Parecis, tudo indica.